

Pajelança metaleira

Sepultura descobre o Brasil, adere ao berimbau e grava com índios xavantes no criativo CD Roots

CELSON MASSON

O som de *Roots*, o novo disco da banda de thrash metal Sepultura, o único grupo brasileiro a fazer sucesso no circuito internacional do gênero, não é uma paulada. Bem mais do que isso, é uma bordunada. Depois de conquistar seu espaço entre os metaleiros do mundo todo seguindo os cânones do gênero — cantar em inglês com voz gutural, tocar o mais pesado que se consiga, com guitarras distorcidíssimas, e surrar a bateria de um jeito animal —, os quatro Sepulturas resolveram diferenciar-se. Para isso, incorporaram aquilo que até agora estava meio escondido por trás das letras cantadas em inglês: o fato de serem brasileiros, ou seja, originários de um país primitivo que tem tambores e pajelanças. Numa palavra: raízes, que é o que significa em inglês roots, que dá título ao CD. O disco, que tem como grande atração a faixa *Itsári*, cantada com os índios xavantes, é uma grata surpresa na seara heavy metal. Está ali a barulheira de sempre, mas há novidades que nunca apareceram no gênero.

Roots foi lançado mundialmente na semana passada, ao final de uma miniturnê que cobriu dez países da Europa. Entre outras invenções, o disco traz Max Cavaleira tocando berimbau, o timbaleiro Carlinhos Brown batucando em duas faixas e uma porção de convidados, incluindo outros roqueiros e até um DJ de rap. Mas a grande atração mesmo é a presença dos xavantes. Embora pareçam tribos bem diferentes, índios e metaleiros têm muita coisa em comum. Usam cabelos compridos, pintam o corpo (no caso dos roqueiros, com tatuagens) e são adeptos do body piercing, ou seja, furar várias partes do corpo para pendurar adereços como brincos e argolas. Semelhanças assim ajudaram os índios a aceitar a parceria com o grupo. A aventura na aldeia envolveu uma longa rodada de negociações, que durou dois meses e custou 30 000 dólares.

Intermediando a tribo e a produção da banda estava o Núcleo de Cultura Indígena, que funciona em São Paulo e já havia lançado um disco com músicas do povo xavante. Primeiro, a tribo queria entender as razões da banda para ir até lá gravar. Angela Pappiani, que trabalha no Núcleo, levou fotos do Sepultura para o porta-voz da tribo, Cipassé, que mantém um escritório em Xavantina, vilarejo distante quinze horas por terra da tribo. A aldeia de Rio das Mortes, em Mato Grosso, não conhece a música do homem branco. Ninguém lá tem radinho de pilha. Mas o visual do Sepultura, como era de esperar, agradou à tribo. Enquanto tentava conseguir uma data para a visita do Sepultura à aldeia, Angela alertava a equipe da gravadora Roadrunner sobre as dificuldades que seriam enfrentadas naquele autêntico programa de índio. As exigências da tribo foram mínimas. Não permitiriam álcool nem drogas, os foras-



Carlinhos Brown: batucada baiana no rock



Os roqueiros do Sepultura entre...

teiros não poderiam circular em determinadas áreas sem a companhia de índios mais velhos e o trabalho a ser feito não deveria interferir no ritmo cotidiano da tribo.

ÍNDIAS ESCONDIDAS — Talvez informados da fama do vocalista Max Cavaleira e do baixista Paulo Pinto Jr. nos Estados Unidos, os chefões da tribo acharam por bem esconder as índias jovens, deixando à vista dos visitantes apenas crianças e mães. A produção da banda remunerou os índios que trabalharam na gravação. Os direitos autorais sobre a faixa *Itsári*, em que os índios cantam e tocam, também foram revertidos para a associação que controla as relações da tribo com o mundo externo. Nos três dias em que a banda conviveu com os xavantes, a "jacuzzi" era um riacho. Para escovar os dentes havia uma caixa-d'água improvisada, coberta de mosquitos que travavam guerra contra qualquer invasor. Para dormir, os roqueiros Igor e Max Cavaleira, acompanhados das respectivas, usaram barracas de camping, enquanto o resto da equipe (incluindo fotógrafo, cinegrafista e técnico de som) esticava suas redes num antigo posto da Funai, hoje transformado em escola.

Ao sair de Goiânia em três bimoteres rumo à aldeia, o grupo foi obrigado a deixar no aeroporto seu suprimento de água e comida, que só chegaria no dia seguinte.

VEJA, 6 DE MARÇO, 1996



...os xavantes de Rio das Mortes: pele pintada e banhos no riacho

Durante a primeira noite, o jeito foi traçar o arroz e feijão oferecidos por uma simpática família local. Para uma completa integração com a tribo, os músicos pintaram o corpo como manda o figurino. O vermelho do rosto é garantido por uma tinta feita com semente de urucum dissolvida em saliva. Os traços pretos que descem pelo corpo são feitos com carvão. As gravações se realizaram no Warã, uma espécie de parlamento onde os índios discutem tudo, a toda hora, e também fazem seus rituais. Além da estranha presença de uma tribo indígena num disco de thrash metal, as outras participações especiais também ajudam a mudar um pouco a sonoridade da banda.

REI DO CANGAÇO — A participação de Carlinhos Brown, músico que costuma estar presente em 90% das gravações dos que posam de modernos hoje em dia, não ficou só no batuque, como de costume. Ele também dividiu os vocais com Max Cavalera na faixa *Ratamahatta*, a primeira na história do Sepultura a trazer trechos cantados em português. A letra homenageia brasileiros discriminados de várias épocas, como o rei do cangaço, Lampião, e o papa do trash nacional, Zé do Caixão. Brown, que também gosta de barulho, ajudou o Sepultura a deixar os arranjos com mais jogo de cintura. A guinada do grupo para um metal mais

gingado se confirma na faixa *Endangered Species*, que também conta com a percussão de Brown. Misturada aos sons exóticos do ritmista baiano, a pauleira do Sepultura ganhou um caráter primitivo, reforçando a tal busca de raízes.

Além dos brasileiros, há no disco convidados internacionais. DJ Lethal, do grupo de rap House of Pain, programou a bateria digital de *Lookaway*, faixa que também traz os vocalistas Mike Patton, do Faith No More, e Jonathan Davis, do grupo Korn. Chamar os amigos e ir até onde vivem índios brasileiros para participar do disco não é só uma jogada de marketing. O Sepultura está buscando uma nova direção para sua música, e com isso contribui para reciclar a vertente mais pesada do rock. É uma prova de que há neurônios funcionando por trás daquelas cabeleiras. ■

Fora de hora

Grammy premia o CD errado

Na quarta-feira passada, a fotógrafa Ana Lontra Jobim, viúva de Tom, recebeu em nome do marido, em Los Angeles, o prêmio Grammy na categoria de melhor disco de jazz latino, atribuído ao CD *Antônio Brasileiro*. Tom é o sexto brasileiro a ganhar um Grammy. Os outros foram Laurindo de Almeida, João Gilberto, Eumir Deodato, Roberto Carlos e Sérgio Mendes. O prêmio é importante, mas é exagerada a afirmação de que seria o Oscar da música. Primeiro, porque uma indicação para o Grammy não basta para empurrar a venda de um disco, enquanto o Oscar é um chamariz de bilheteria. Segundo, porque o Grammy tem a tradição de premiar artistas consagrados, mas mesmo assim nem sempre acerta no alvo. Em sua primeira edição, em 1959, o júri escolheu *Volare*, de Domenico Modugno, esquecendo, por exemplo, Elvis Presley.

Há uma extensa lista de bons atores de Hollywood que nunca levaram um Oscar para casa, mas as injustiças do Grammy são muito mais berrantes. Os Rolling Stones não têm nenhum exemplar da estatueta, enquanto a melosa Whitney Houston coleciona mais de vinte na prateleira. O Grammy de Tom Jobim é uma homenagem merecida, mas fora de época. No auge de sua carreira, o compositor brasileiro lançou discos excepcionais, como *Urubu* e *Passarim*, que nem sequer foram indicados. Ignorado quando vivo, Jobim acabou recebendo o prêmio postumamente e pelo disco errado.

Antônio Brasileiro não é um mau CD, mas não se compara aos melhores discos do compositor nem aos de outros brasileiros que concorreram ao prêmio. O de Stan Getz e João Gilberto, contemplado antes da criação da categoria jazz latino — e que portanto concorreu com os medalhões do gênero —, é muito melhor. ■

Ana Lontra Jobim em Los Angeles: Tom merecia esse prêmio antes

